

JORGE COUTINHO

**O Pensamento
de
Teixeira de Pascoaes**

Estudo hermenêutico e crítico



Publicações da Faculdade de Filosofia
da Universidade Católica Portuguesa
BRAGA - 1995

Durante a segunda década do século XX, especialmente na primeira metade, Pascoaes encarna a ideia de que a redenção universal passa pela redenção do povo português e pela sua particular missão no mundo. Neste período dedica-se por completo à causa do "Saudosismo". Dois grandes poemas, *Marânus* (1911) e *Regresso ao Paraíso* (1912) assinalam a sua fé na redenção do povo português (o primeiro) e do inteiro universo (o segundo). Escreve, neste período e na mesma linha temática fundamental, algumas das suas mais entusiásticas obras em prosa: *O Espírito Lusitano ou o Saudosismo* (1912), *O Génio Português* (1913), *A Era Lusíada* (1914), *Arte de Ser Português* (1915) e *Os Poetas Lusíadas* (1919).

O fraco acolhimento da mensagem saudosista e a dissidência de alguns dos mais valiosos elementos da "Renascença Portuguesa" transformaram Pascoaes em profeta desiludido, cheio de frustração e cansaço¹, duvidando de tudo e de si mesmo, incerto e irónico, em crise de identidade e de sentido. Mais que nunca desencontrado de si mesmo, tudo agora lhe parece absurdo. No seu horizonte existencial escurecido e perturbado, "tudo é febre, loucura; tudo é fogo e uma chuva miudinha e baça de faúlhas mortas... Chamas, cinza e fumo, num turbilhão confuso e infinito." (*O Bailado*, vol. 6 das *Obras de Teixeira de Pascoaes*, Assírio & Alvim, Lisboa, 1987, 109). *Elegia da Solidão* (1920), *O Bailado* (1921), *A Nossa Fome* (1923) e especialmente *O Pobre Tolo* (1924) e *Cânticos* (1925) traduzem, cada uma a seu modo, este estado de espírito.

Entre 1925 e 1934, o Escritor não produziu nenhum grande texto, a não ser o *Livro de Memórias* (1928), que representou ainda o Poeta em proesso de involução e emigração interior. Desencantado, refugia-se recordativamente nesse paraíso interior do seu encanto que fora para ele a infância. Só em 1934, ano de publicação de *São Paulo*, deparamos de novo com um Pascoaes relativamente recomposto. Aparentemente renunciando ao Saudosismo nacionalista, reencontrado como "homem universal", volta-se de novo directamente para o

¹ Escreve na *Elegia da Solidão*: "E tu, meu pobre coração, / Que palpitas na funda escuridão, / E ardes numa fogueira desvairada, / E, doido, te consumes para nada! / Tombo por terra, morto de cansaço!" (*Elegias*, in *Obras Completas*, vol. IV, 249).

espaço alargado da humanidade e do seu drama. *O Homem Universal* (1937) traduz abstractamente esta renovada postura do Poeta-Pensador, que a série das biografias, publicada entre 1934 e 1945, complementa no plano da expressão concreta². Reencontra-se relativamente nos paradigmas dos seus biografados, permanecendo todavia em procura. E em encontro e desencontro, em perpétua procura de si mesmo, permanece, ainda e sempre, o Pascoaes dos últimos anos e das derradeiras produções literárias.

Não é difícil, nesta trajectória da obra de Pascoaes pensador, identificar duas grandes vertentes integradoras das variações menores: uma vertente ascensional e outra horizontal e mais acentuadamente ondulatória. Entre uma e outra situa-se a queda brusca e estonteante da crise pós-saudosista. É um pouco como a nortenha paisagem portuguesa tal como é visionada e celebrada pelo Poeta, a qual, subindo em ímpetos de verdura até ao alto do Marão, se prolonga depois em planalto ondulante de deserto transmontano. A primeira vertente, onde se integra a maior parte da sua produção poética, é alentada pela esperança de encontrar a verdade procurada, não obstante alguns momentos de desalento. Pascoaes move-se ora em voo de ave metafísica ora em ímpeto de combate ideológico. O pessimismo existencial de fundo é aí temperado por um halo de optimismo idealista. O pensamento move-se em tendência afirmativa de uma verdade a acolher com a segurança de certeza. Diferentemente, na segunda

² Sobre o significado das biografias em geral e de cada uma em particular, veja-se: Jacinto do Prado Coelho, *A Poesia de Teixeira de Pascoaes*, Atlântida, Coimbra, 1945, pp.16-28; Idem, "Camilo na interpretação de Pascoaes", in *Problemática da História Literária*, 2.^a ed., Ática, Lisboa, 1961; António de Magalhães, *São Paulo, Teixeira de Pascoaes e a Crítica*, "Brotéria", 19 (1934), pp. 184-190; Idem, *Napoleão de Teixeira de Pascoaes*, "Brotéria", 32 (1941), pp. 503-506; Leonardo Coimbra, *São Paulo de Teixeira de Pascoaes*, "Museu", n.º 1 (Setembro 1934), pp. 18-20; A. Fernandes dos Santos, "*São Paulo*" por Teixeira de Pascoaes, "Acção Católica", Ano XIX (1934), pp. 288-291 e 359-361; João Mendes, *São Jerónimo e a Trovoada*, "Brotéria", 23 (1936), pp. 221-230; Idem, *Santo Agostinho ou Teixeira de Pascoaes?*, "Brotéria", 41 (1945), pp. 519-525; reproduzido em *Literatura Portuguesa IV*, 2.^a ed., Editorial Verbo, Lisboa, 1983, pp. 96-104; Cruz Malpique, *Teixeira de Pascoaes Biógrafo*, separata da "Revista Ocidente", vol. LVIII (1960); Mário Garcia, *Crime-Remorso-Paixão. Uma leitura teológica do "São Paulo" de Teixeira de Pascoaes*, "Didaskalia", 9 (1979), pp. 307-337; Maria das Graças Moreira de Sá, *Estética da Saudade em Teixeira de Pascoaes*, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Lisboa, 1992, pp.277-300.

vertente a esperança alterna mais frequentemente com o desespero, o optimismo com o pessimismo, a afirmação com a negação e a dúvida, ainda que uma discreta tendência ascensional se mantenha como tendência de fundo e apesar de tudo. Na trajectória do Pensador, podemos assim distinguir um primeiro e um segundo Pascoaes. E entre os dois seria mesmo necessário incluir, sobrepondo-se em parte ao primeiro, um terceiro, um Pascoaes anti-Pascoaes ou o Poeta-filósofo transformado, *contra naturam*, em ideólogo do Saudosismo.

Jorge Coutinho, *O Pensamento de Teixeira de Pascoaes*, Braga, Faculdade de Filosofia, 1995, pp. 37-39.